

# O Declínio do Homem Público: As Tirantias da Intimidade

*Richard Sennett, Companhia das Letras, 1988*

Parece óbvio para o homem contemporâneo o privilégio da vida íntima em detrimento da pública. Sennett lhe diz, em *O Declínio do Homem Público*, que isto não é próprio ao ser social, mas um desequilíbrio se processa desde a formação do paradigma do homem moderno ocidental, no século XVIII e que, sobretudo, é um problema. A gênese deste desequilíbrio é vista através de uma continuidade entre o teatro e a cidade que se expressa em vetores interdependentes através de cujas transformações a história da cultura pública, do desenvolvimento ao declínio, é narrada. São estes vetores os códigos de interação entre estranhos, e as condições e acepções da expressividade em público.

Percorremos a organização desses vetores nos hábitos públicos nas ruas, no palco e na platéia, em Londres e Paris nas décadas de 1750, 1840 e 1890. São cidades e períodos centrais para a história do ocidente. Pela comparação entre os intervalos, vemos que os códigos que, no século XVIII, eram fortes e contínuos entre arte e sociedade, tornam-se confusos e terminam por diluir-se ao longo do século XIX. Descodificada, a expressão é encarada como de sentimentos e condições íntimas, tornando-se perigosa para quem a efetua e invasiva para quem a assiste, é, portanto, evitada e colocada separadamente no domínio da arte. A isto está atrelado o surgimento da personalidade em público, em lugar do distanciamento e da representação próprias ao jogo: o homem agora precisa agir de maneira autêntica, conforme os seus sentimentos e não conforme os seus interesses. Esta falta de distanciamento na vida pública é que a tornaria indesejável, provocando uma reclusão à vida íntima. A ação coletiva, nesses termos, é restrita: só parece autêntico associar-se a grupos de pessoas que tenham personalidade semelhante à sua própria e, na busca de autodefinição, as atividades e interesses deste grupo ficam em segundo plano. Nestes dois pontos, constroem-se os problemas do declínio do homem público e das tirantias da intimidade.

A primeira extrapolação negativa é sociopolítica. Os moldes contemporâneos de ação coletiva embotam a capacidade do homem urbano de agir enquanto - e defendendo

interesses de – classe; em lugar disto, ele está vulnerável ao poder de expressividade, que tinha se tornado uma exclusividade do artista e é então aproveitado pelo político para suscitar a identificação em sua platéia. Esta identificação guia a força política da população (no voto e em suas manifestações públicas) no lugar da defesa de posições e interesses no que concerne à administração estatal. A política está estetizada e o Estado separado da pessoa, na medida em que deixa de existir a vida pública. O exemplo mais gritante do quanto isto pode ser perigoso é o Nazismo e o Holocausto.

A segunda extrapolação negativa, por incrível que pareça, é pessoal. A obsessão da personalidade e a descodificação da expressão criam uma incapacidade de sentir e um vazio de sentido que fazem do narcisismo a psicopatologia própria ao nosso tempo. O narcisista engloba na definição de si todo o mundo externo, mas ao mesmo tempo nunca consegue definir-se completamente. As interações são desvalorizadas na medida em que são sempre insuficientes e a satisfação está sempre sendo adiada. Aí, o desequilíbrio entre vida íntima e pública mostra-se insalutar: as relações pessoais, amorosas e fraternas, são sobrecarregadas por expectativas que estão fadadas a frustrar. Está em funcionamento um ciclo que sempre leva à insatisfação e à insuficiência. Isto torna necessária para o próprio indivíduo a correção do tal desequilíbrio.

Ao longo do século XX, as ciências humanas trouxeram diversas chaves interpretativas para a estetização da política ou para o crescimento do individualismo. Para Sennett, um não é causa ou consequência do outro: são processos que caminham juntos. Para além de chave interpretativa da história, ele nos oferece mais uma ferramenta crítica para observar o mundo em que vivemos e a nossa participação nele, para talvez fazer pesar o lado público da balança e reacender o ideal de cidade enquanto espaço não apenas de trânsito, mas de interação pública.